

Airton Souza

CORTEJO
& OUTRAS
BEGÔNIAS



PRÊMIO
UFES DE
LITERATURA

VOLUME 3

LIVRO DE POEMAS

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - *Campus* de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
<http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | José Edgard Reboças
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Giancarlo Guizzardi, Gilvan Ventura da Silva, Giovanni de Oliveira Garcia, Glicia Vieira dos Santos, Grace Kelly Filgueiras Freitas, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Luis Fernando Tavares de Menezes, Sandra Soares Della Fonte

Secretaria do Conselho Editorial | Douglas Salomão, Tânia Canabarro

Revisão de Texto | Tânia Canabarro
Projeto Gráfico e Diagramação | Ana Elisa Poubel
Capa | Willi Piske Jr.
Revisão Final | George Vianna

III Prêmio Ufes de Literatura 2015-2016

Comissão Organizadora | Bernadette Lyra, José Edgar Reboças, Roberta Estefânia Soares, Rogério Borges de Oliveira, Washington Romão dos Santos

Comissão Julgadora da categoria Livro de Poemas | Caê Guimarães, Orlando Lopes Albertino

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Oliveira, Airton Souza de, 1982-.
O48c Cortejo & outras begônias [recurso eletrônico] / Airton Souza.
- Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2016.
106 p. – (III Prêmio Ufes de Literatura ; 3)

ISBN: 978-85-7772-351-5

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/774>>

1. Poesia. I. Título. II. Série.


PRÊMIO
UFES DE
LITERATURA
VOLUME 3
LIVRO DE POEMAS

Airton Souza

CORTEJO
& OUTRAS
BEGÔNIAS



EDUFES

VITÓRIA, 2016

APRESENTAÇÃO

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje Secretaria de Cultura da Ufes (Secult/Ufes). As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Editora com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora, interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades Autor e Antolo-

gia. As categorias autorais foram: Livro de Poemas, Livro de Contos e/ou Crônicas, Livro de Romance e Livro de Literatura Infantojuvenil. Para a modalidade Antologia, as categorias contempladas eram Coletânea de Poemas e Coletânea de Contos e/ou Crônicas.

Dando continuidade aos objetivos estabelecidos, a terceira edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2015-2016, ampliou para sete as categorias contempladas e atraiu 515 candidatos, de todas as regiões do Brasil e do exterior, que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por onze especialistas divididos em cinco comissões. Entre os 26 vencedores do prêmio estão escritores de Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pará, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Norte.

Nesta edição, sete livros são publicados. Na modalidade autoral, temos as seguintes categorias: Livro de Poemas, Livro de Contos e Crônicas, Romance, Livro de Literatura Infantil e Livro de Literatura Juvenil. E na modalidade antologia, temos a Coletânea de Poemas (a qual contempla dez autores premiados) e a Coletânea de Contos e Crônicas (que contempla onze autores). Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

COMISSÕES

Comissão Organizadora

Bernadette Lyra (Anhembi Morumbi), José Edgar Rebouças (Supecc), Roberta Estefânia Soares (Edufes), Rogério Borges de Oliveira (Secult), Washington Romão dos Santos (Edufes).

Comissão Julgadora da categoria

Livro de Literatura Infantil

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Comissão Julgadora da categoria

Livro de Literatura Juvenil

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Gabriela Rodella de Oliveira (USP), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Comissão Julgadora das categorias

Livro de Poemas e Coletânea de Poemas

Carlos Eduardo Guimarães (escritor e jornalista), Orlando Lopes Albertino (Ufes).

Comissão Julgadora das categorias Livro de Contos e Crônicas e Coletânea de Contos e Crônicas

Ana Penha Gabrecht (Ufes), Renata Oliveira Bomfim (Afels),
Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

Comissão Julgadora da categoria Livro de Romance

Andréia Penha Delmaschio (Ifes), Camila David Dalvi (Ifes),
Nelson Martinelli Filho (Ifes).

PREMIADOS

M o d a l i d a d e A u t o r

Livro de Literatura Infantil

Menina com brinco de folha,
de Marcella Lopes Guimarães (PR);

Livro de Literatura Juvenil

O coração range sob as estrelas,
de Lila Maia (RJ);

Livro de Poemas

Cortejo & outras begônias,
de Airton Souza de Oliveira (PA);

Livro de Contos e/ou Crônicas

Pessoas partidas,
de Diego Lops (RS);

Livro de Romance

O segundo caçador,
de Bruno da Silva Crispim (RJ).

PREMIADOS

M o d a l i d a d e A n t o l o g i a

*Coletânea de Poemas**

- “Suicídio”, de Maria Terezinha da Silva (SC);
“Poesia visível”, de Talitha Borges da Silva (SP);
“Nunca mais”, Tatiana Alves Soares Caldas (RJ);
“Interno retorno”, de Francisco Augusto Kurkievicz de Araujo (ES);
“Entre ensaios”, de Yasmin Miyeko Nascimento Nariyoshi (ES);
“Seiva endêmica”, de Guilherme José da Costa (SP);
“10 poemas para o vento”, de Rodrigo de Menezes Gomes (RN);
“O sumo dos instantes”, Márcio André Oliveira Santos (MG);
“Atrator(es)”, de Lino Machado (ES);
“Nós mesmos, costumeiramente”, de Erly Milton Vieira Junior (ES).

**Obs.: O escritor Márcio Dison da Silva (SC) informou, posteriormente, que seus poemas seriam publicados por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento.*

Coletânea de Contos e/ou Crônicas:

“7”, de Douglas Rosa da Silva (RS);

“Interiores”, de Camila Lobato Rajão (SP);

“A tempestuosa existência do tempo”, de Ingrid Nogueira Freitas (CE);

“Pés gregos”, de Letícia Fernandes Malloy Diniz (MG);

“Contradições”, de Emerson Figueiredo e Souza (MG);

“Encontro não declarado de histórias vindas de qualquer lugar”, de Gabriel do Nascimento Barbosa (P. Aleph Gímel) (ES);

“Assovios”, de Paulo Sérgio dos Santos Sena (ES);

“O segredo e outras histórias”, de Maria Aparecida Sanches Coquemala (SP);

“Paraguai”, de Joaci Pereira Furtado (SP);

“Andarilho”, de Marcos Vinícius Lima de Almeida (SP);

“Ribeiras”, de José Genival Bezerra Ferreira (AL).

Aproveitamos este espaço para, mais uma vez, agradecer a colaboração dos membros das comissões julgadoras, que se debruçaram em tão nobre tarefa, parabenizar os inscritos pelo esforço e confiança, especialmente os contemplados com o Prêmio, e desejar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do *III Prêmio Ufes de Literatura*

Não entenderás o meu dialeto
nem compreenderás os meus costumes.

Mas ouvirei sempre as tuas canções
e todas as noites procurarás meu corpo.

Max Martins

Ferido pelas lanças mortais das tristezas próprias e alheias,
admirou a impavidez da teia de aranha nas roseiras
mortas, a perseverança do mato, a paciência do ar na
radiante manhã de fevereiro.

Gabriel García Marquez

SUMÁRIO

prefácio	14
tragicômico	22
pelos dias	42
itinerário incurável	66
de solidões se fazem os dias	83
posfácio	103

Cortejo & outras begônias: uma leitura

João de Jesus PAES LOUREIRO

A poesia é instauração do tempo de uma intuição fundadora.

Ela instaura sua percepção poética do mundo factual e conceitual na forma de produção da sensibilidade convertida em linguagem simbólica. Cada palavra no verso é um signo e um símbolo. Revela imanência estética em sua significação. E ultrapassa essa significação poemática, mostrando, também, o olhar por cima do ombro de quem lê cada poema, sua transcendência, sua reflexão reveladora sobre o ser e o mundo.

A palavra poética contém em si mesma a sua legitimidade. Há uma voz que soa da imagem e toca no silêncio, arrebatada a indiferença, mobiliza o livre jogo da sensibilidade e a razão. São pedaços do tempo cobertos pela pele de transparente frescor das palavras. Palavras de certa origem anterior ao verbo inicial, como pedras lascadas da alma. A poesia é uma forma de presença íntima, em um mundo alargado de ausências.

Por sua dimensão instauradora, o poema é um signo que o poeta faz fazendo-se. É uma forma formante, como pensa Luigi Pareyson e, ao mesmo tempo, de modo intercorrente, uma forma formante e autoformadora, como é possível desdobrar essa compreensão. A criação da aparência por via da palavra. Algo que revela, modernamente, “o transitório, o fugaz, o contingente, a metade da arte cuja outra metade é o eterno e o imutável”, para lembrarmos Baudelaire. Sentimento criado pela linguagem pela qual e na qual esse sentimento criado passa a ser.

Cortejo & e outras begônias, de Airton Souza, poderia ser, se o poeta assim o decidisse, um poema-livro, tal a unidade que o atravessa como uma flecha estilística e de perfuração lírico-reflexiva do eu do poeta, o que não impede que, por decisão do poeta, os quatro blocos ou partes da obra tenham sua integridade preservada. Identidade que resulta de certo tom, atmosfera fluida, que os separa sem os isolar do conjunto. Há uma distinção de sutileza entre as partes, criando uma espécie de diversidade única ou unidade diversa. Cada bloco de poemas está identificado com os seguintes títulos: tragicômico – pelos dias – itinerário incurável – de solidões se fazem os dias.

Por que ordenar o caos se o caos é a condição essencial da criação? O caos não é o oco de tudo. O caos é o cosmos da irrupção criativa a ser estruturada em um processo que o conforma, mas não ordena. O verbo inicial? O princípio original de tudo? O sentido do caos é ser caótico, o que não significa ser infecundo. O caos é a fecundidade em estado de potência reveladora. O caos impede a morte da arte.

Há uma atmosfera de surrealidade em *Cortejo & outras begônias* que ultrapassa o surrealismo como fase histórica, pois não decorre da desconexão do real consigo mesmo. Os poemas dão forma de expressão a uma surrealidade mais verbal do que imagística.

O **tragicômico** da parte inicial do livro é mais uma acumulação de imagens em pânico, que desordenam a lógica do real, que tornam o universo poético um equilíbrio inquieto em permanente forma de tensão. Nisso transparece a ironia, o sarcasmo, a sombria e disfarçada navalha do riso.

na aparência oblíqua dos dias

*

travessia
face aos estilhaços de espelhos

*

no emudecer irremediável
do ser

*

a proporção da morte
enterra a palavra: salvação

*

o amor carrega utensílios
desprovidos de sentidos

Há natural subjetividade nessa visão fragmentária reunida não por mão indulgente, mas pela mão de um vendaval. Ou seja, uma ordem poética que se ordena pela descontinuidade e aproximações inesperadas em busca de sentido. Há o procedimento propício às transfigurações revitalizadoras de imagens e símbolos, metáforas urbanas esculpidas em pedra, detalhes anódinos tornados essenciais, busca da alma do tempo em um

tempo que parece tê-la perdido. E o poeta empreende a busca do poema como um refúgio, habitação, morada, sob a regência de visão subjetiva crítica e fragmentária da vida. Percorre um caminho cenarizado pelo universo purpúreo, crepuscular, noturno, cinzento, onírico, difuso, opaco e, *vezenquando*, macabro. Realidades fluidas, sem consistência. Versos conformados às estruturas frasais, buscando não construir realidades conceituais ou transcendências, mas sensações. Revela uma atmosfera tensa, recusa visões ideais de mundo, mantém densidade verbal, eficácia rítmica, atmosfera de serena tensão paradoxal. Os instantâneos do surreal costumam uma aparente linha de estilo. Os signos têm medida própria em um discurso denegado em busca de possibilidades, não de conclusões. Sendo assim, é natural que se perceba uma constelação de ângulos: visão cósmica, metafísica, iluminações, descrição, naturalismo. O vir a ser, o que será, a fatalidade do devir. A contemplação prevalece e o visionário se superpõe ao olhar realista. Ver é visionar.

Recusa-se a buscar a aparência das coisas, não deseja voos metafísicos, não quer dizer o que a coisa é, quer que a palavra seja essa coisa. Ora o corpo do poema tatuado de palavras. Ora a flecha palavra cravada no coração do poema.

Mesmo situando o espaço poético urbano dos poemas deste livro, caminha em uma cidade mitificada, desrealizada. Um mundo de ficções vividas. A projeção virtual de seu mundo interior assume ritmo próprio pela associação com a simbologia condensada em palavras isoladas, soltas, ilhas no mar do poema. Representações acústicas concentradas de suas visões, de seu mundo interior.

Os versos não têm pontuação regular a não ser os pontos finais e raros dois pontos. Sem os sinais indicadores de pausas,

o ritmo da leitura se torna livre e apenas sugerido ao leitor. Trata-se de pontuação dada pelo ritmo escolhido por quem lê. Pontuação visual e sonora, portanto. O indefectível ponto final talvez queira propor uma unidade na sucessão. Isso confere aos poemas certa dimensão orquestrada como se fosse um poema-livro. Um livro-poema de estrutura fragmentária e lúdica, aleatória, semelhante a um caleidoscópio. Um vitral que se fragmenta e se remonta a cada leitura. Ou, ainda, como o desdobrar da forma de uma nuvem que, sem perder a sua unidade aberta, vai assumindo diferentes momentos ao longo de seu percurso. Ou, ainda, sucessão de pequenas ondas no devir livre e corrente de um rio. São unidades solidárias cuja variedade compõe a unidade incansável do rio por elas formado. Essa unidade na diversidade rege a orquestração sinfônica do livro.

Recusando-se ao uso marcado da pontuação e de letras maiúsculas, de ritmo obrigatório predeterminado de leitura, o poeta abre sua obra à liberdade do leitor. Exime-se do controle da leitura, permitindo liberdade de pausas, respiração, ritmo e de sentido. De certa maneira, é um modo operativo de conceder ao leitor a leitura operativa dos poemas. A trama de palavras está tecida, mas o percurso da leitura dependerá da disposição do leitor. Um pacto. Esse é um dos traços de unidade de *Cortejo & outras begônias*.

Outro sinal de unidade que estrutura o livro de Airton Souza, a percorrer os poemas, é temática: a incurável solidão. Embora denomine uma das partes, sintomaticamente a quarta, encerrando o livro, **de solidões se fazem os dias**, esse é um sentimento que percorre contra a correnteza os rios do poema, como um peixe em piracema na busca das origens:

não importa a causa
as solidões
são sempre iguais.

Trata-se de uma solidão que se reflete nos cacos do grande
espelho-livro da existência.

sob a mesa
o alforje da ausência

*

... abandonados dias

*

leva uma bússola
& não rasuras o mapa
que tem sabor de mar
sem porto

*

vazio de corpo e de deus
o solitário quarto

*

de solidões se fazem os dias

Nesse campo minado de angústias que é a solidão, no qual Nietzsche está presente, explodem inúmeros sentidos de imagens intersignificantes: a perda de sentido no mundo, a vaga flutuação do indefinido, a evasão para o etéreo, o desejo do indesejável, a sutil lâmina da ironia, o permanente sentido reflexivo, a indisfarçável sensação de ruínas e perdas.

Os traços simbolistas são recorrentes. Uma introversão simbólica de tudo que até poderia permitir considerar-se o livro *Cortejo & outras begônias* como personificação dramática do próprio “eu” do poeta, assumido em uma cena surreal que o faz situar-se perplexo diante dos desconsertos do mundo.

reincidência
o inteiro ato de habitar solidões

*

porque não te resta nada
a não ser poesia estendida
no estopim confessional
de flores & ausências

*

sob a mesa
o alforje e a ausência

O poema dedicado ao poeta simbolista Augusto dos Anjos poderia, sem perder sua beleza referencial, ser entendido como aquele “Eu” título da obra poética desse autor. Poderia ser o eu também simbolista moderno de Airton Souza. Uma reflexão reversiva, numa dialética pela qual, falando sobre Augusto dos Anjos, o poeta reflete poeticamente sobre si mesmo.

teu vocábulo arfante
acaricia prodigiosos arquejos
assoalho hospedando ruídos

tuas íris de cercanias
desnudam rijos acordes
iludem paragens tirânicas

tens a forma inescrutável de anjo
a forma de fel fiel
no rabiscar harmônico de algum inferno
que consola vertentes verbais.

TRAGICÔMICO

sem responder o que tens
as tragédias conservam o mundo

renuncia o desgastado sândalo, enfrenta
a travessia do labirinto, destemendo
a enrugadez de tuas mãos
repleta de símbolos, indecifrado
dia ainda por afluir, acrobata
nuvem de anil

sacia tua sede de sacrilégio
sacrossanto é um lobo no covil
à espera da morte.

a travessia
tem sempre algo de trágico

exilar-se
na outra margem
a esquecer de si
sem reter o abandono

atravessar
é sempre tragicômico
ainda mais quando
não se tem uma mão
a que segurar
para o gesto da ida

fica o sabor da não despedida.

na impávida linha
rabiscos inconscientes da tragédia
içam a fonte
de ofertar séculos
visto que a pele
enreda uma caligrafia comovente

na linha tênue
o ócio amargo cinge
entre outras coisas
mil enganosa

nega a possibilidade
de rever a intensidade
silenciosa de teus olhos.

“centenas de dias infindável”

Maiakóvski

grava na memória
o ranger dessa porta

atravessa
o limite do alpendre
& leva tua tática de combate
na rua rufam clandestinidades.

sob a mesa
ancora o desvelado alforje
almeja um ramo
de girassóis amurchecendo
para disfarçar a densa cerração
que alimenta
para além da fixidez da janela
a paisagem rugosa

nesse outono de carne estranha
folhas descampam árvores
& entrecortadas consomem silêncios

sob a mesa
o alforje e a ausência.

pelos gumes abertos
em teu peito
a verdade trina
indecifrada melodia
na impossibilidade
semovente de cirandear

põe de posto o remorso
reinventa a canção
ergue a estrutura
de teus ossos em riste
& uma vez mais
alimenta teu jardim atado
prestes a ganhar a força.

rumina teu jardim
que exerce vigília
sem adubação

ele é ávido
de coisas sôfregas

diante das auroras
teu jardim não sabe
arrefecer o golpe
é só um missionário sem fé.

pendular
tuas retinas ocreas
transmutam o acre
comovem o oboé sem nota
inclinam na exímio acridão

então teu corpo escoreografa
uma telúrica geografia do ritmo

funda a fenda
cinge a renda
em um passo
apunhala o peregrino coração.

é sob a tragédia
armadura tingida de aço
deambula tristeza
infinita de homens diários

nos hilários olhos
passeiam distâncias em ânsias

sôfregos jardins desconversam
a importância das borboletas
arraigando os hediondos passos antigos
a não encerrar quintais

estranho
o combate desfaz a carne de ontem
num percurso impossível
de abandonados dias

homens sabem dos sóis
das sombras das pedras
mas a primavera sempre vem
avisar-lhe do objeto final:

morrer.

dentro do golpe proverbial
modular indumentária
no que tange ao longe
o jardineiro desconsolado
incendiando sumárias flores

é triste a tristeza
da cidade destribalizada

a c(idade) ainda sabe
reinventar a imensidão
& germinar mitologias

sabe semear paredes
curar soluços
guiar silêncios
encher o silente verbo
anônimo diante das pedras

a CIDADE sempre amanhece mistérios
ouvindo a cega saudade.

os ossos
quintais talhando o medo

disforme
a marcha do verso em coro
roça similitude
na angústia de mastigar

vermes

ratificados no drama

os quintais impedem ramagens
nos gritos que envelhecem túmulos
imensos
sulcam vazios
compreendendo exílios.

de tropel a tênue saudade
é uma mísera ressonância enclausurada

inútil
o rosário abandonado na parede
à vigília incrédula

a reza murmurada
meio a clarividência
é topografia de várzea e manejo
a perder o chão

a sina é triste
no entalhe da vigilenga
& essa maré que só avisa
o castigado retorno do lembramento.

pelo contíguo desamparo
recolhia previsões
& circunstâncias
a sombra de conceber solidões

inexplicavelmente
os olhos atávicos
vaticaneavam instintos de orientar

as desverdades

como se todos os dias
fossem banhados de equinócios.

para o personagem José Arcadio, do romance
"Cem Anos de Solidão", de **Gabriel García Márquez**

no princípio era o pêndulo
arrefecendo suspeitas

depois a prodigiosa ordem
a trotar na assombrosa
mecânica do mundo

desfeitas as perfeições
em nome da semelhança
criou-se no tumulto
a crença insepultável
num deus infotografável
com um cheiro de alfazemas

agora
diante de um pelotão de fuzilamento
aprendeu:
o amor não cura aflições.

levava na ânsia
entre amurados verbos
o jeito para as coisas descomunais

ao benzer o drama
meteu nas retinas
a couraça hermética de louvamento

à sombra da consternação
instituiu o ato de desamar a clemência
& a confiança de esquecer passados.

conservava ainda poucos resíduos
de humanamento

diante da impávida porta
teve plena certeza
de sua resistência à saudade

indiferente aos objetos
de outras expectativas
desenraizou os impúberes instantes de outrora

atravessou a sala
a não pressentir a rede
sua algoz de outras ilusões

na redundância dos desamores
lançava um olhar pelos cômodos solitários

resignado
abandonou a casa
ressaiu mais ímpio que o intróito de si.

não recuse o envelhecer
há dias contrários à fé

nas paredes de tua casa
a vigília é sacerdócio iludido
multidão de fome e farpa

nas vigas habitam
ateu o teu consolo

te veste de sombra
& atravessa a sobra
porque a morte está contigo
e nem um cajado te consola.

anímica
a miséria
estende a tarde
pelo sentido de acenar homens

a tarde
já tarde
fratura tempos
no que áspero
a língua roça
em assinalada
manhã cadavérica

limpa as íris
enxerga o alvo
& atira sem mitigação da noite
a primeira pedra na divindade.

PELOS DIAS

há dias de sóis, outros de chuvas
expostos, outros requerem vazios & ossos

pelos dias
sabe dos mitos e histórias
ruminando os ossos
com clareira acendendo iras

diante da verdade
nenhuma lira passará
a dócil língua
no que tange o dia sem ênfase

brutal
a terra que milagrou o homem
& a mesma que desfaz
a rudez das coisas.

sequioso
o tempo do não esquecer
dissolve a tarde
que adorna horizontes

lamento
não pronunciaram tua morte
ilegível escrita

leva uma bússola
& não rasuras o mapa
que tem sabor de mar

sem porto.

compõe tua face de almagre
abismal o tempo te convoca
a lançar no abismo
[sem asas nem pudor]
teu corpo

lança-te do penhasco
vê o quanto a morte é bela
quando o vento lambe teus segredos

mira o fim
sem se importar com fissuras

lança-te sem medo
é preciso encorajar
tua pele para o desconhecido.

vigia

tua ossatura de musgo
tem o peso do hediondo
& os dentes do mundo
gritando a insensatez
da oferenda inútil.

roga

por ti e pelos rios
que medram distâncias
sempre nas mesmas margens

tu e os rios
tecem a fé
no gume aberto ao milagre.

vazio de corpo e deus
o solitário quarto
contraria a inocência
entre as paredes
que fremem abandonados benzimentos

indiferente à existência
instaura tua fala
detida pela cicatriz

cala
cava

a vala aberta ao concreto
ante tua ausência.

entre ervas
tua dilacerada era
a crescer diante da sede
que tem o mar pelos rios
verga em ondas
germina em lodo
& não fecunda a seca –

dura

pelos peregrinos umbrais
de teu charco
o sacro amanhã virá
com outros enredos
a te render
em penumbras e promessas.

expõe teu urro muro

o ferro em brasa
o barro em mágoa
exilam a floração de setembro

a ferruginosa fé
fere teu não reboco

enrijecido sustenta passados
medita sobre o presente
tem pelo futuro
um pasmo assombroso
que alimenta o escuro

te inquieta muro
o mundo não arfa baldrames.

esculpe retóricas
revoga impotente
as mesmas vestes

sabe e finge não ser

das coisas a terem
os mesmos nomes de antes
até as flores
possuem gasturas breves

hesita o túmulo
mas visita funerais
levando habitadas confissões

condiz o feito
a inventar só o necessário
na aparência oblíqua dos dias.

o dia pede
que consagre mitos
pela sustentada travessia
face aos estilhaçados espelhos
a justificar precárias grandezas

te nomeia
no que não reconhece

de posse da fé
quer eternizar farsas

só alguns sinais do rumo.

& aponta

I

cartograficamente
defrontar o soar da memória
trazer a lume
ecos de outros quintais
bordados no intangível

desfiar os fiados
acordes dissonantes
no emudecer irremediável

do ser.

II

o esculpido tempo
cinde & rompe a impermanência

atravessa o risco
conduz o punho
inquirindo inquietações
na arquitetura de portas escancaradas.

III

traduzir a paisagem
com insensatez nos dentes
é loucura no sol dos dias.

o cômodo
esbravece mania pela geometria
[a dimensão desvelada dos rumos]
& o inexorável vestígio das épocas

os cílios têm fronteiras
metafísicas habituais

dos ritos

as mãos
modelam o simulacro das pedras
que sempre reservam
o direito de não esquecerem

os pássaros

os pés argumentam
a uniformidade do muro
urdem táticas
a moverem ávidos esquecimentos

amanhã
o corpo
quiasma trancafiado
noticiará o incomunicável
sentido da morte.

irriga o silêncio
estar livre de todos os males
é embriagar-se no vício de abismos

a proporção da morte
enterra a palavra: salvação

destila teu rumo cego
alcoz de ti & dos limites
que guiam pedras
de pólen sem alma

antigas são as estrelas
mentindo os dias
para os enigmas e dogmas.

se a casa espera
cheia de áspero artifício
o corpo sobre o acaso

rumina insepulta memória
o chão caiado
a abdicar lições de beleza
no (en)canto das (in)verdades

a casa cifra terreiros
varanda quintais
enquanto os varais balançam passados.

maneja o peito aberto

tomba

sofre a carne
arquejando travessias

de foice nas mãos
a pele profana
talha miudezas
um rito de ventre

& gozo

com retinas telúricas
bifurca caminhos
porque os olhos
têm sede de fronteiras.

agora desce a lascívia lança
nenhum rastro pelos quintais

do tempo

a denunciar itinerários definidos

a travessia revestida de caridade
comove o cume

& o amor carrega utensílios
desprovidos de sentidos

é quase loucura
possuir significados
sem ouvir a ressonância

ruidosa da cidade.

sedimentada a partilha
o rosto porto víscera
estranha o anonimato
princípio de luz no precipício

a fala
pela condição solitária
não tem serventia
igual a calha

cala

incerto
o excerto
alonga o nunca
esta tenra idade
é terra & esquecimento
pelo túmulo tumulto
de irmanar lembranças.

“O tempo e o sino sepultam o dia”

T. S. Eliot

lugar habitual dos olhos
são séculos de pedra e nylon
no sobrevoos empírico
de espelhos mastigando metafísicas

a expressão angústia
lógica aparente
tem em si inquietante acorde
a imputar beleza

uma vez ainda a superfície
de langor e lanho
são estes seios
ofertando causas herméticas.

é de acasos e evidências
[esse espanto descomunal]
que malogram
o impermeável calendário

é de fome e desengano
[esses dormentes artifícios]
que acenam clausuras
na secular figura saudadial

tinha posto isso em escrito

desolado
pôs-se em estado de vicissitude
tão próximo do cotidiano desamor.

na premissa moldura
a razão transita análoga
no território sacro

as têmeoras
golpeiam os ossos
para não impedir o guilhotinamento

as pálpebras
agudo músculo
roem escombros

& a vertigem em iminência
sulca o rijo rumo

esses ruídos não respondem:
quem talhou a invariável figura da sombra?

ITINERÁRIO
INCURÁVEL

pelas vezes, trajar a pele
couraça itinerante de mil lembranças

não importa a causa
são sempre iguais.

as solidões

tentarás voos
avesso ao mundo

é cedo
mas os dias pedem
eternos regressos
no que moldam silêncios

ainda que carregues girassóis
cravados nos dentes
temerás todo o mal
& alguns forjados dilúvios
tramando mapas

aludi
beatificante é a tua solidão
revestida de similitude
as de outros homens.

com tormentas
aferir a linhagem
& os indícios
ramificando figuras no desfiguramento

espiritual são os enigmas
centelhas contraditórias
a comporem existências

com alegóricos risos
cinzela a pele
cresta o alvo e o voo
numa epiderme inquieta
de lastrear destinos.

de peito em contingência
atravessar a urbe
& seus rarefeitos dilemas

cruzar os rumos alariados
num rumor dos confidentes incontestáveis

aonde ir com o coração
em languidez?

com esse temor
meridional por becos?

com essa fé
em calçadas circumspectas?

e essa aparente
compaixão nos homens?

a urbe pede:
levar as cinzas dos instantes
no sentido do ressuscitar
outras mortes.

para o poeta Augusto dos Anjos

teu vocábulo arfante
acaricia prodigiosos arquejos
assoalho hospedando ruídos

tuas íris de cercanias
desnudam rijos acordes
iludem paragens tirânicas

tens a forma inescrutável de anjo
a fôrma de fel fiel
no rabiscar harmônico de algum inferno
que consola vertentes verbais.

por entre bandeiras e lençóis
já não basta a sentença

é necessário angustiar o cerne
reivindicar urgências
ainda que viver não valha explicações

por todas as horas
não serve a proeminência
para o hábito de morrer

é preciso revestir prelúdios
& a polissemia do medo

a cada absurdo
sepultar sem doutrina
os acontecimentos de ontem

parece que tudo são coisas
a embelezar a repatriada angústia.

intrépidos
os ninguéns e seus atos
flanam pelas inventadas primaveras

desinterditam
provisórias alegrias
porque ressurgente é a miséria
a passear pelas bocas silenciosas

ainda há paixões
& as mutiladas velharias
infartando o inolvidável.

instalar a textura na renúncia
num cotidiano de culpa
vértebra sem força
& atormentados perdões
itinerando remédios

em outros cômodos
ferve a força
mas novamente
a escuridão borda andarilhos

de feito em feito
o percurso contrário
vinga risco

é quase verdade:
o perdido não vence decrepitudes.

aberto o vinco
no mesmo espaço
o corpo em riste
é fenda iminente

aproximando a lupa
o tecido físico
paradoxo intangível
afeta o olho
essa matéria de revelar cidades

mesmo que estilhacem a vidraça
as ampulhetas não modelam o tempo

há sempre um caos na bússola
e suas tentativas de mutilar caminhos.

com penumbras nas mãos
caminhou ao desamparo
profundamente entediado
dos motivos mecânicos da misericórdia

incomodava-se
com o limbo solitário
de atravessar dissipados cataplasmas

tem afeição ao que lhe é rude
& concebe segredos

horror ao que lhe é explicável
como as borboletas noturnas
concedendo pragmáticos agouros.

de evidências
o insustentável dorso
[estranha sinfonia]
destila a invenção

a língua
desvala o imantado trato
no que tange o mapa

e a canção

é cedo
& a morte
forja a utilidade dos chãos

eis um tempo de coincidências
que a reza inquisitiva inventou
sem perdão.

transpassar o cal solúvel
[amurados tempos]
com excesso tenaz de senilidade

azulejar jardins
alheio às tréguas e gemidos
& essas vazias varandas varridas
pesando a imprevisível ruína

aos vagos gestos
ervas a vencerem com fúria
os míseros milagres

contudo
nenhum candelabro
é capaz de acender
o caminho pavimentado de solidões
singrado pelos cadáveres.

redigir o caos
cacos cúmplices
nervando autóctones
as sendas cinzas

sentenciar arestas
ao lance que arrasta o rancor
da última queda

fitando fidelidade ao chão
escriturar afrontas
de arquitetar abismos

como a ave que procura
no infenso abstrato
curar feridas
& leva para si
o fado do segredamento
mortal das pedradas.

a permitida partida
[procissão de cinzel e gênese]
é sacramento pentecostal
em perdulário corpo

os olhos
cetins migratórios
compõem begônias e fábulas
nos putrefatos escombros episcopais

mesmo esses farrapos
são incapazes de atravessar o instante
& vencer o combate.

piedade ao vivo
& seu monólogo

porque diante do mar
 tem a exata dimensão

inalcançável

ao clamor dos afogados

piedade ao morto
& sua rígida condição
 de não gritar a palavra:

terra

mastigando em silêncio
 a insensível amargura

piedade a nós
 e o sacrifício das promessas
 que transladam a existência.

DE SOLIDÕES SE
FAZEM OS DIAS

para Franz Kafka

nas manhãs de convicções
embandeirava as retinas
revertidas de cóleras
para vitimar a cifra solidão

nesse aborrecido jardim simétrico
que abastece os homens com unanimidades
benzia a memória
& o milagre de não deixar os mortos morrerem de vez

assim
os sóis consumiam as idades
mas não calavam hectares
para isso é necessário um implantado ato
que inunde as palavras de protestos.

colher alturas
no fundo do rosto nada
abismo obscurecendo deus

arcano
a solidão dissolve arrecifes
outro pletórico corpo
impressão velejada

a solidão
comuta redutos
restaura indefinidas mortalhas
a desenterrar outras visagens
nessa tarde sem paragens.

reincidência
o inteiro ato de habitar solidões
indelével nome
rabiscado fruto
ordenando predicativos póstumos
& as primícias meio fim

de era em era
a ternura sem peregrinar na terra
desforra o corpo pueril
lascivo ao desamor

sempre perante a morbidez
o morto e seu silêncio
desembarcam em lembradas vésperas
porto exílio de vivências.

o dia
vitral de apêndice
arrasta teu disperso ensaio
entre a ortodoxia dos mangues
& cortejadas invenções
amparada curvatura de lodo

a tese
passeia nas ilhargas
evidente dança do medo

enquanto camafeus
dissimulam a cronologia dos jardins

tu caminha sob parapeitos
a disseminar derradeiros desejos.

recolha teu massacre
como quem não deixa o enforcado
à beira do poço
& seu olhar enfurecido
mirando a vegetatividade do céu

os sublinhados sinos suicidas
tangenciam tua sina
de casas e quintais
a coligir a incongruência
maneira do drama

a caminho do nada
leva tua filosofia
ressalvas inoculadas que ressoam
injustos heróis.

asas crescem ao longe
medram o norte
geografia celeste de ilusões e carvalhos

nesse chão
crava tua sombra
ceifa tuas dores
escreve teus fevereiros
nas paredes que respiram bordas

mesmo que chova
leva contigo o invisível
branco de outras páginas e palavras

porque não te resta nada
a não ser poesia estendida
no estopim confessional
de flores & ausências.

narciso estilhaça o rumo
térreo terreno
vestido de si

sem o cerne
expõe esboço de um cortejo
só

a imagem
elaboração cardeal das retinas
[para mentir o tudo]
emana trágica beleza

no bolso leva atemorizado
o que não é o mundo:
alicerce e negação
do eu não nós.

o espelho instrumento falho
ilharga refletida face
afronta existência na pele em pouso

nossos incautos santos
desdizem mar
& o mar cão solitário
não alarga a volta
numa margem caos regendo lira

o espelho e o mar
são deuses de pinceladas tristes.

há naufrágios demais
nesse corpo que quer margem
repertório de queda
no espelho que noticia
mergulho e presença

um dia
há de se revogar
a paisagem selvagem
das fotografias não reveladas
& as ruínas dos conventos
que só permitem segredos e silêncios.

lapidares o signo
distante das mesas marmorificadas
refrão em rigor basilar

ao longe
intraduzível gênio grita odes
amplitude inabalável
& sua solidão de abutre
é maior que fronteiras
no comover de atlânticos

bem perto
o álibi lembrando
embrionários nomes
vertiginosos nuncas
dentro de paredes e hiatos

lá fora
flores arfando!

...

me alimento de outras memórias
– das memórias dos outros –
invado um cemitério
de enterrados-vivos

Marcílio Costa

soledade é aquele muro
calvário de idas
a reter as artérias do chão
ao som de sina e lira
traços de danças à beira do abismo

do outro lado da trama
ruído e refração
ramas a convocarem (im)permanências

do oposto
as coisas e os homens
arrastam os dias
& as cirandas na tangência
de ressuscitar umbrais

há desígnios a sustentar rumos

soledade é de um lado
exílio e saudade
do outro
mentira mais que verdade.

a crosta
vazia varanda
de histórias e escombros
revestida de conotadas ausências

importam as mãos sobre as chagas?

o pão pela desafogada meditação?

o coração paisagem a dirimir caminhos?

a pele porão & guindaste
cultiva deus
sob promessas e vassalagens

a crosta
nessa pele trigal
anuncia o roteiro do esquecimento
nas varridas varandas vazias.

na partida de revolver a ordem
comungamos tua morte
para além da memória

em confissões
as introspectivas ribaltas incluem
temores herdados
na condição do corpo eriço

novamente o amor natimorto
é capaz de referendar teus antigos verões
sem sinos e badaladas
[esses foram outros tempos]

mesmo assim mais valia
a tentativa de resistir
com os olhos a impelirem:
só amanhã é que anoiteço!

*“Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa”.*

Cecília Meireles

de cítara em punho
refaz teu movimento baço

& na aparência
esculpe o véu
irradiado tato

imerso no mundo
deus é mímica
a transmutar funerais

o canto estranha as dores.

embotava os dedos
habitual arquitetura da memória
e o amanhã rangia solilóquios
na própria culpa

na convicção ditame
reivindicava proporções
análoga estrutura dos ossos
descampinada pedra esquecida

erguida a engrenagem
das rígidas vigas
[fissura a conter o amor]
deposto na calçada

como caminha a infância
apenas sem aportar horizontes
soterrava as insurreições de ontem

de coração contra incêndios
desancorava outros voos
meio as vivas feridas
e o precário céu e cinzas
a gritar outras ausências.

ao poeta Max Martins

é preciso caminhar sobre (h)eras
caligrafar o túmulo
erva daninha
mutilada lembrança
dissolvida em alvuras desovadas
agruras turmalinas

tirânicas as palavras
afagam e te afogam
adentram o denso gozo
mas não te adestra

tua pele pasta abissalmente
o tumulto dos rumos

o dilúvio é só o lugar de partir

teu magro nome lacuna
mm folheando tigres
& bashô são pedras
no caminho da cabana

nem sempre a chuva
deletérica te anuncia
porque teu exílio
move a seta semovente
e as cinzas
madrugadas em silêncios
te veste revestido homem com reticências
a levar o ofício língua entre parênteses.

há tempos de fragmentar os tratados
desterrar a precisão das verdades
& suas consumadas linguagens
razões indeléveis de suportar
outras manhãs abertas às enciclopédias

depois de agora
esquecer as paragens
relegar o precário peso abstruso
na eminência de sepultar incidência

nas mãos conduzir o rito
blasfemar o amor sabendo:
é de solidões que se faz
a assombrosa aparência mecânica dos dias.

“O imutável é apenas um símbolo! E os poetas mentem demais”.

Friedrich Nietzsche

nada nos pés
nas mãos obliterações
tudo está no chão
& nos telhados velhos
há verdades demais
para fomes que consagram mortes

para o consolo desse anoitecido tempo
há terraços sem flores
jornadas sem respostas
e o amor ao defunto
carpinteiro de cinzas e ferragens

há as vertigens e os estranhos portos
a separar o risco da razão.

ante a noite
o corpo
[vime de cólera]
desenvolta uma firme corda
em devoluta boca precoce
a soerguer insólitas senzalas

corpo e cólera crescem descalços
reescrevem tarefas
sublinhadas paragens
& vão sem redimir
pelas presentidas geometrias
vasculhar os jardins de solidões
que fazem os dias.

Posfácio

Esse outono de carne estranha

Atravessa este livro uma angústia, um peso, um fardo, um algo difícil de carregar. Difícil descrevê-lo. Difícil reter sua substância na palavra.

Uma coisa fica em suspensão. Uma poeira desenhada. Cinzas desenhadas. Ossos desenhados. Não contados, enumerados. Não imersos na água podre da lamúria que nada conserva.

Poesia. Só ela “colmanda a lacuna” (disso Max Martins sabia bem), preenche tirando mais ainda de nós.

A obra que Airton Souza nos oferece desenha o mundo. A vida na metáfora da casa. Tempo e memória como cicatrizes que se correspondem. O corpo parece um animal acuado diante de tudo.

Há nos poemas a plasticidade de imagens e metáforas que procuram dar conta da vida e sua efemeridade dentro do tempo. Um desenho tentando na impávida linha/rabiscos da tragédia:

*diante das auroras
teu jardim não sabe
arrefecer o golpe
é só um missionário sem fé*

Uma visão trágica. Uma iluminura colorida para dar conta da profundidade do golpe. Uma iluminura como resultado do trabalho do poeta com as palavras.

À medida que se avança a leitura, percebemos que a intenção aqui não é fluir qual um rio de versos que se percorre deslizando o olhar por um líquido ritmo, não.

Intencionalmente, o poeta quebra essa fluidez. Ele constrói a sensação de peso que uma angústia deflagra. Faz com que atravessemos o livro como quem carrega uma dor, a sua, que é, agora, de todos nós.

Uma dicção, às vezes, ofegante, como se soletrássemos arestas, pedras. O ar oprimido. Caminhar por entre as páginas é ser, de fato, um *companheiro de viagem* aos modos de Paul Celan em *der reisekamerad*, dentro da mesma dor. Essa casa, o resignado poeta quer, em vários momentos, abandonar. No entanto, *nas vigas habitam/ ateu o teu consolo*.

Airton Souza edifica seu ***Cortejo & outras begônias*** sobre um dos pilares da poesia: o conflito Homem X Tempo. Revisita esse tema à sua maneira e escreve seu combate. A escrita aqui deflagra uma resistência ante a irrevogável sentença que o tempo nos impõe.

O poema é a tentativa de marcar território. Fincar viga para a morada dentro do tempo. A poesia é a possibilidade de ir adiante. Avançar dentro desse território de conflitos. Pedra da permanência que se nutre da própria morte.

Os homens sabem dos sóis
Das sombras das pedras
Mas a primavera sempre vem
Avisar-lhes do objeto final:

Morrer

A consciência da transitoriedade da vida, ainda assim, é arma de combate contra o tempo, pois não se imprime um lamento, mas busca-se a paisagem, o desenho mais belo para a morte. Por isso, estamos diante de uma obra que pretende a beleza como resistência. O trabalho poético como mecanismo para tanto.

Atravessa esse livro uma angústia, um peso, um fardo, um algo difícil de carregar. Difícil descrevê-lo, reter sua substância na palavra. No entanto, o poeta persiste e irrompe contra o tempo um outro tempo. Arquiteta e levanta outra morada: o poema. Casa que habita com suas perdas, suas cinzas, todos os ossos que o caminho lhe rendeu.

E o vento frio que sopra por entre essas páginas é movimento de palavras que pretendem refazer o corpo, a vida, o mundo com outra matéria: poesia, esse outono *de carne estranha*.

Marcílio Costa

Esta publicação foi composta utilizando-se as famílias tipográficas Simonetta e Warnock Pro.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

